



Pai nosso,
é «uma oração revolucionária,
que proclama uma nova visão
da história. Trata-se
de um manifesto radical
e de um hino de esperança,
numa linguagem dirigida
ao mundo inteiro».

J. D. Crossan

Vila Verde, 2020.

Foto de Alfredo Cunha

Pai nosso...
também nestes dias

“O nosso primeiro desejo, nestes momentos dolorosos para toda a humanidade, é que o teu nome de Pai seja reconhecido e respeitado. Que ninguém o despreze, prejudicando os teus filhos e filhas.”

O artigo é do teólogo e presbítero espanhol JOSÉ ANTONIO PAGOLA
em artigo publicado em *Settimana News*.

A oração do **Pai nosso** é uma oração curta. A única que Jesus deixou como herança aos seus discípulos. É uma oração estranha. Todos os cristãos a rezam, mas ela não fala de Cristo. É rezada em todas as igrejas, mas nenhuma igreja é mencionada. Os católicos rezam-na na missa dominical, mas ela nada diz sobre nenhuma religião.

Como diz J. D. Crossan, é “uma oração revolucionária, que proclama uma nova visão da história. Trata-se de um manifesto radical e de um hino de esperança, numa linguagem dirigida ao mundo inteiro”.

Pai nosso, que estais nos céus

Tu és nosso Pai, o que nos recorda que somos todos teus filhos e filhas. Estás no céu, porque és de todos. Não estás ligado a nenhum templo, nem a nenhum lugar sagrado da terra.

Não pertences a um povo, nem a uma raça privilegiada. Não és propriedade de nenhuma religião. Não és só dos bons. Todos podemos invocar-te como Pai.

Santificado seja o vosso nome

É o nosso primeiro desejo nestes momentos dolorosos para toda a humanidade. Que o teu nome de Pai seja reconhecido e respeitado. Que ninguém o despreze, prejudicando os teus filhos e filhas.

Que não percamos a nossa confiança em ti. Que sejam expulsos os nomes de todos os deuses e ídolos que nos desumanizam. O dinheiro que nos divide e não nos permite ser irmãos, a violência que alimenta as nossas guerras, o poder que nos leva a desprezar os fracos.

Venha a nós o vosso reino

Se tu reinares entre nós, a justiça, a igualdade e a paz reinarão na terra. Poderemos enfrentar juntos os problemas do planeta. Unidos como irmãos e irmãs, venceremos as pandemias que possam afligir a humanidade.

Que os ricos não reinem sobre os pobres; que os povos poderosos não abusem dos fracos; que os homens não dominem sobre as mulheres. Que venha

o teu reino e reine sobre a terra a fraternidade.

Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu

Que seja feita a tua vontade, e não a nossa. O coronavírus faz-nos descobrir que, na terra, tudo está incompleto, vivemos tudo a meio termo. Não queremos aprender que nós, seres humanos, somos frágeis e vulneráveis, que não podemos alcançar, aqui, a plenitude à qual, do fundo do nosso ser, todos nós ansiamos.

Pai, só podemos confiar na tua bondade insondável. Então, que não seja feito o que nós queremos, movidos pelo egoísmo, pelo consumismo e pelo nosso bem-estar. Seja feito o que tu queres, porque sempre buscarás o bem de todos.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje

Que, nestes momentos tão duros para toda a humanidade, a ninguém falte o pão. Não te pedimos dinheiro, não queremos riquezas para acumular, mas sim o pão quotidiano para todos.

Que esta pandemia do coronavírus nos recorde,

para sempre, que antes de tudo o mais está a vida: que os famintos possam comer; que os pobres parem de chorar; que os migrantes e os refugiados sejam acolhidos por nós, para que possam sobreviver e ter uma casa.

Perdoai-nos as nossas ofensas

Paí, perdoa as nossas ofensas: a nossa indiferença, a nossa incredulidade, a nossa em resistência em confiar em ti. Ao longo destes anos, mudámos muito por dentro. Tornámo-nos mais críticos, mas também menos consistentes. Mais indiferentes a tudo o que não seja o nosso bem-estar, mas mais vulneráveis do que nunca perante as crises.

Não nos é fácil crer, mas também nos é difícil não crer em nada. Queremos viver esta dura experiência como irmãos e irmãs.

Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido

Nestes momentos em que vivemos assustados, descobrindo a impotência que todos sentimos diante deste limite inevitável da morte, também nós queremos perdoar-nos, reciprocamente, uns aos outros.

Não queremos alimentar nem rejeições nem ressentimentos contra ninguém. Queremos viver esta dura experiência como irmãos e irmãs.

E não nos deixeis cair em tentação

Somos fracos e limitados. Estamos a experimentar isso mesmo, agora, mais do que nunca. Estamos sempre expostos a tomar decisões e a cometer erros que podem arruinar a nossa vida e a dos outros. Por isso, não nos deixeis cair na tentação de te esquecer e de te rejeitar, Paí. Desperta em nós a confiança na tua bondade.

Precisamos de ti mais do que nunca. Tu podes abrir em cada um de nós estradas para nos encontrar: crentes e não crentes, ateus ou agnósticos. Que todos possamos sentir esta força silenciosa, mas eficaz, no nosso íntimo.

Mas livrai-nos do mal

Somos responsáveis pelos nossos erros, mas também vítimas. O mal e a injustiça não estão, apenas, nas nossas pessoas. Estão, também, nas estruturas e nas instituições, nas políticas e nas religiões. Por isso, terminamos a nossa oração com um grito: Paí, livrai-nos do mal! Um dia, esta felicidade plena, à qual

todos ansiamos, há de tornar-se realidade.

As horas alegres e felizes que desfrutamos na terra e, também, as experiências amargas e dolorosas que vivemos; o amor, a justiça e a solidariedade que semeamos; e, também, os erros e estupidezes que cometemos... Tudo será transformado na felicidade plena.

Não mais haverá nem morte nem dor. Ninguém ficará triste, ninguém precisará de chorar. Um texto cristão, escrito numa das primeiras comunidades, coloca na boca de Deus estas palavras: “Para quem tiver sede de vida, eu darei, gratuitamente, da fonte da água viva” (Ap 21,6). “Gratuitamente”, isto é, não pelos nossos méritos. “Para quem tiver sede de vida”! E quem não tem sede de vida eterna?

Cada um deve decidir como quer viver e como quer morrer. Eu creio e confio que o mistério último da realidade, que alguns de nós chamamos “Deus”, outros “Energia”, outros “Transcendente” e outros “nada”, é um Mistério de Bondade, no qual todos encontraremos a Plenitude da nossa existência.

Amém!

O Pai-nosso com o Papa Francisco



em Veneza,

finalmente os peixes viram a luz do Sol, e nós os vemos, enfim, felizes, no final da sua desesperada espera.

As gondolas leem agora tão bem o fundo dos canais que já não se perdem sozinhas.

Também há momentos em que o muito pouco ou o nada é tudo o que se pode fazer.

Também há momentos em que a poesia dos instantes tem um voo indecifrável.

Também há momentos em que se recorda o quanto a vida foi passada junto dos outros e não se registou a aventura.

Também há momentos em que o amor se iniciou como razão do viver, e tanto se gostou dele como da vida.

Também há momentos em que muito se ama sem que o digamos.

Também há momentos em que a terra nos escorre das mãos qual parcela de si a esvair-se para outro local.

Também há momentos em que os lares nos falaram da raiz da paz.

Também há momentos em que todos dormimos a mil quilómetros do essencial.

Também há momentos sem horários para as tempestades do não compreender.

Também há momentos em que as praias, suas espumas e as areias são a elegância do nosso trajar.

Também há momentos para o nosso choro de crianças escrever a nossa morada.

Também há momentos para decidir que não me casarei com um homem que não chora.

Também há momentos para te dizer e repetir sem fim, que contigo irei para qualquer mundo do mundo.

Também há momentos em que o momento se surpreendeu, ou não encontrasse no fundo de nós, o maravilhoso.

Também há momentos em que outros e os intelectuais já não veem o sorriso.

Também há momentos de melancolia no cerne da prodigiosa solidão.

Também há momentos em que nos escapa a vida depois da infância, bela, ou daquela que muito nos matou.

Também há momentos em que gostamos de nos perder e tanto desejamos depois que nos protejam como à rosa de Exupéry.

Também há momentos de frutos , tílias, passeios, camas alvas de doçuras, correios, beijos, ciúmes, felicidades infelizes, mãos de costureiras no peito, abrigos, árvores, pássaros e outros bichos, montanhas, pontes, abraços, despedidas, martírios, mortes que não souberam chegar no tempo das piedades, solidariedades, coragens e reencontros, traições, utopias, doenças, artes, civilizações, sobrancerias até nos destinos comuns, sacerdócios sem condição humana, arcanjos sedutores, algumas eternidades, aprenderes, ofícios , milagres, vaidades nas coisas pequenas e humildes nas muito grandes, orfandades Senhor!, e um olhar para a cidade condenada, pois lá

finalmente os peixes viram a luz do Sol, e nós os vemos, enfim, felizes, no final da sua desesperada espera.

As gondolas leem agora tão bem o fundo dos canais que já não se perdem sozinhas.

Teresa Bracinha Vieira

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/cronica-da-cultura-867501>



onde se cria a fraternidade?

O centro de uma **celebração eucarística** não é o altar, nem, muito menos, o sacerdote, (mesmo que ele se movimente, fale, e gesticule como se fosse Moisés, ou um prestidigitador do mistério). O centro da eucaristia não é nem o pão nem o vinho. O seu centro é a comunidade. E tudo o que ali se faz é feito para a comunidade. E o que ali se faz é feito pela comunidade. Até o Pão e o Vinho são para ser repartidos e comidos pela comunidade. E não para serem “adorados”, ou para serem objetos de “culto”. Sem comunidade não há eucaristia. Se excluirmos a comunidade, apenas nos resta bruxaria e direito canónico.

A própria configuração arquitetónica das igrejas, deixa transparecer esta gravíssima falta de perspectiva teológica.

O retábulo é o pano de fundo, uma espécie de grande janela, por onde se filtra o “céu”, e a forma de todos contemplarem o céu. Um céu cheio de santos, virgens e anjos. Quando aqueles para quem temos de olhar é para os

nossos irmãos, sentados ao nosso lado, à mesma mesa, no mesmo banco: esse é que é o “céu cristão”.

Eis o altar, no local mais elevado, no sítio para onde convergem todos os olhares. Grave erro. O “altar” é uma relíquia de antigos ritos pagãos ou judaico-pagãos. Pedra sobre a qual se sacrificavam os cordeiros ou as crianças. A Eucaristia cristã, mais não é do que a mesa da refeição, ao redor da qual se reúnem os convocados, que

consolidam os seus laços de fraternidade, ao comerem deste Pão e beberem deste Vinho. Ao partilharem uns com os outros. Comensais ao redor de uma mesa, recordando (*fazei isto em memória de mim*) um irmão, Jesus nosso Senhor, que nasceu e morreu para nos servir.

O sacerdote, nome e ofício herdados dos ritos pagãos e judeus, em que atuava como protagonista e “médium”. Hoje em dia tornou-se um empecilho para o desenvolvimento e crescimento da comunidade. Comunidade esta que deve ser, como qualquer grupo humano, presidida por uma pessoa adulta e respeitável. Como em qualquer família, e cujo ofício decorra do facto de ter aceitado servir a comunidade.

Pão e Vinho, a comida feita para a comunidade e pela comunidade. A ponto de, se não houver comunidade, não há Eucaristia.

Comunidade, a razão de ser desta festa. Tudo e todos os outros devem estar ao seu serviço. Perante ela, quem preside deve inclinar a cabeça, em sinal de respeito e reconhecimento.

O sacrário? Numa Eucaristia não deve haver sacrário. E a haver, ele deve ser ocultado ou, discretamente, ignorado. Na celebração da Eucaristia prepara-se o Pão e o Vinho do Senhor. E quando a *ceia do Senhor* termina, os restos devem ser guardados num local digno, a fim de serem levados aos enfermos ou aos impedidos de se deslocarem à celebração.

Não há aqui nada de novo. Simplesmente, nós esquecemo-nos disso. O que hoje se faz, é uma consequência da mais obscura Idade Média. Foi naqueles tempos imperiais que se engendrou e deu à luz a cristandade, em detrimento da comunidade dos crentes em Jesus. Hoje, a cristandade já não convence ninguém. O Jesus de Nazaré, o da primeira ceia, continua à espera

sob um véu Institucional.

O catecismo católico não quer saber de nada disto. Continua a apresentar-nos conceitos como a transubstanciação, a substância, os acidentes, o Santo sacrifício, a Oferenda Divina, a Expição. Odor a Antigo Testamento e a paganismo.

O catecismo católico dominou, por completo, o Evangelho. Isto não se diz. Não se pode dizer. Incensa-se com certo ar teatral o livro dos evangelhos, mas a vida cristã continua dominada e regida por um catecismo que empobrece e paganiza o Evangelho.

O catecismo católico é atravessado por três ou quatro verdades, consideradas fundamentais, que provocam a desfocagem e o desenquadramento de toda a mensagem evangélica.

LUIS ALEMÁN MUR. Licenciado em Teologia.

Século IV – Celebração da Páscoa



A **DATA DA PÁScoa** foi fixada no século IV, no Concílio I de Niceia (ano 325). Os padres conciliares estabeleceram que a festa que celebra a ressurreição de Cristo fosse no primeiro domingo depois da primeira Lua cheia da Primavera. A data é coincidente com rituais pagãos muito anteriores para celebrar a *Festa da Primavera*, como os dedicados às deusas da fertilidade, do renascimento, nas mitologias anglo-saxã, nórdica e germânica, ou à deusa grega Eos, dita do Amanhecer, a fenícia Astarte ou a babilónica Ishtar. Pelas semelhanças no que respeita aos rituais de fertilidade e às festividades do Equinócio da

Primavera, comuns a persas, romanos, judeus e arménios, muitos historiadores sugerem que uma boa parte dos símbolos ainda hoje ligados à Páscoa cristã, como os ovos coloridos e os folares, associados à ideia de renovação periódica da natureza, são reminiscências desses rituais. Em Portugal, sobretudo no Alentejo, como noutros países do Sul da Europa, são comuns os folares representando aves e répteis, numa associação direta ao ovo, símbolo da fertilidade, como o lagarto de Castelo de Vide, o dragão e o dinossauro das ilhas gregas, ou a serpente mítica dos sicilianos. São oferecidos aos rapazes, enquanto as raparigas recebem folares com um ovo na barriga.